

Interpretação duma cena de caça do Levante Ibérico

Negaça pré-histórica

POR

LUÍS DE ALBUQUERQUE E CASTRO

Estes pequenos apontamentos visam sòmente a interpretação duma cena de caça que nos é apresentada no vasto e rico panorama artístico do Levante Ibérico e um ligeiríssimo contributo para o problema da sua cronologia.

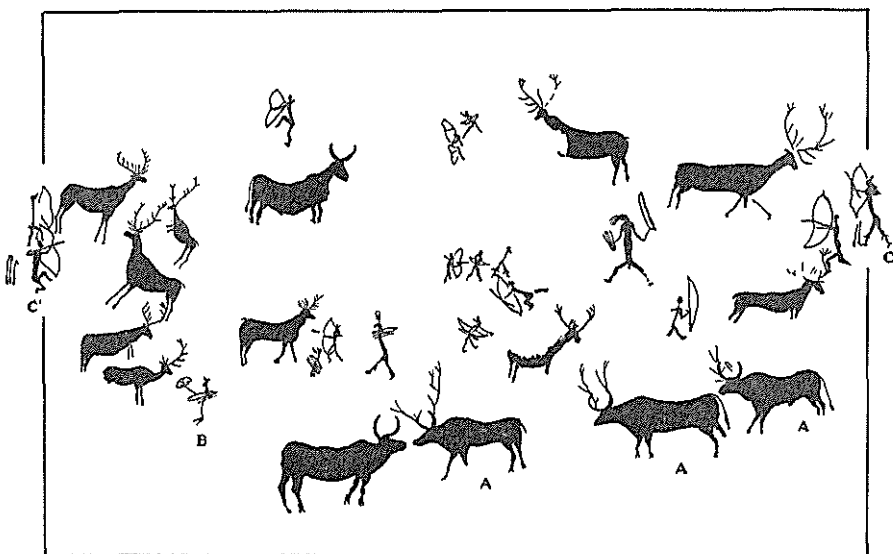
A cena encontra-se pintada, a negro e a vermelho, em Cueva Vieja, Alpera, na província de Albacete, e dela apenas temos conhecimento pelo que nos tem sido dado apreciar em várias publicações, pois nunca a visitámos.

O original consta de um friso de 5,50 m de comprimento, mas para o nosso trabalho apenas apresentamos um conjunto constituído por três partes dele, as que interessam ao nosso propósito. A figura junta tem por base a estampa 148, a páginas 118 e 119 de «L'Art Préhistorique», de HANS-GEORG BANDI e JOHANNES MARINGER em prosseguimento de um projecto de Hugo Obermaier, a qual tem a indicação «segundo Cabré».

A sobrevivência dos povos primitivos dependia fundamentalmente da sua actividade piscatória e venatória. Era a caça que lhes resolvia, principalmente, os problemas da alimentação e vestuário e, ainda, lhes fornecia objectos de uso e armas, pelo aproveitamento de carnes, peles, ossos e chifres.

As armas de que dispunham não eram muito variadas; foram obtidas pelo seu engenho, paciência e inteligência e estavam em constante aperfeiçoamento devido às crescentes necessidades e dificuldades encontradas.

Como desde o simples e frágil pau aguçado ou munido de ponta de osso, de chifre ou de material pético, servindo de lança, chuço ou seta, aos cacetes ou pesadas maças não fossem suficientes e aplicáveis a todas as espécies cinegéticas, tiveram também de utilizar a astúcia, a observação e o espírito inventivo para vencerem os perigos de toda a ordem, derivados da manha ou maior poder dos animais. Como também lhes era difícil a caça e a defesa pessoal com as insignificantes armas de que dispunham e, principalmente, para apanharem vivos os animais e vencerem os de grande porte, recorriam às armadilhas; nelas devem ter tido papel de relevo os fossos e encurralamentos.



As cenas de caça do Levant Ibérico mostram-nos os caçadores correndo a grande velocidade em perseguição das peças de caça, seguindo pistas, em atitudes de espera, armando laços, etc., mas quase sempre acompanhados do seu arco e setas. Os arcos são geralmente bastante grandes.

O caçador, arqueiro, parece que utilizava a mão esquerda para agarrar o arco e as restantes setas, enquanto que, com a mão direita, esticava a corda, fazendo-o flectir, segurando simultaneamente a seta que ia expedir.

Nem sempre foi feliz, pois cenas há em que se verifica uma inver-

são de papéis: vemo-lo correndo, transformado em fugitivo, à frente dum animal mal ferido ou irritado.

Impossibilitados de perseguir os animais mais velozes, ou para evitarem investidas, os caçadores teriam, então, de apanhá-los de surpresa, aproximando-se o mais possível para reduzirem a insuficiência do alcance das suas armas, o que seria difícil devido à atenção ou estado de alerta das espécies que, logo que se apercebiam de algo, se afastavam mais ou menos depressa.

Este inconveniente levou o caçador do Levante Ibérico a utilizar a negaça. Esperava os animais no local da pastagem ou bebedouro, onde previamente se havia emboscado, para depois, melhor e mais seguramente, os poder abater ou capturar.

É, segundo julgamos, uma cena destas que o friso de Cueva Vieja nos descreve.

Analisando bem a figura, vemos que ela representa uma caçada em que encontramos cervídeos e bóvidos, representados em «perspectiva torcida». Os primeiros apresentam um aspecto de surpresa e são bem reconhecidos pelas armações e pescoço sensivelmente mais comprido que o dos bóvidos, sem bossa e com cauda curta, enquanto os segundos são mais compridos, possantes, com bossa e caudas longas, mas os três últimos (A), no plano inferior, apresentam «ligadas» às suas hastes uma *armação suplementar*.

A nossa interpretação do friso é: os caçadores, com a cumplicidade dos pseudocervídeos (bóvidos com hastes suplementares), atraíram os cervídeos ao local onde previamente se haviam escondido, frechando-os depois facilmente ou laçando-os. Parece mesmo que o arqueiro (B) está atirando um laço ao cervo mais próximo. Esta interpretação é ainda confirmada pelas atitudes dos caçadores, que não correm em perseguição dos cervídeos, e ainda pela posição dos caçadores (C e C') que têm as suas reservas de setas espetadas no chão, respectivamente à frente e atrás.

Da observação da figura, uma conclusão nos é aparente: nela, os caçadores não actuaram individualmente, mas sim colectivamente e obedecendo a um plano preconcebido.

Apesar de as sobreposições, retoques e acrescentos serem vulgares nas pinturas, não nos parece isso aceitável nos três pseudocervídeos de Cueva Vieja, pois não só a configuração dos bóvidos e cervos é bastante diferente e de difícil ajustamento e sobreposição, como também as *armações suplementares* são bem diferentes das dos cervos, lembrando mais ramos de árvores.

Numa cena de Cueva del Polvorin, há um arqueiro que tem presa numa longa corda uma cabra (?). SALVADOR VILASECA interpretou-a como se a cabra tivesse sido laçada. Nós julgamos tratar-se de um caçador, com arco e setas, conduzindo a cabra à mão, por meio de uma corda, para que ela depois de presa num prado lhe sirva de negaça e «chame» outros animais, provàvelmente caprinos.

Voltando aos pseudocervídeos (A), admitimos não serem «bovídeos selvagens», como parece terem sido classificados e como os autores de «L'Art Préhistorique» indicam na página 139.

Não julgamos possível que os bóvídeos selvagens deixassem colocar armações suplementares e mesmo que isso tivesse sido realizado facilmente os animais as teriam destruído. Além disso, para que fossem cúmplices na negaça aos cervídeos, ou para encobrirem os caçadores, teriam de estar suficientemente adestrados nestas práticas; portanto, seriam já *domesticados*.

Quanto à cronologia, a arte do Levante Ibérico, segundo BREUIL e OBERMAIER, pertence ao Paleolítico superior, mas E. HENÁNDEZ PACHECO, BENÍTEZ MELLADO, MARTIN ALMAGRO e outros investigadores espanhóis opinam por um pós-paleolítico, chegando a indicar o Mesolítico e mesmo o início do Neolítico.

Pela análise da estampa em questão, na qual estão indubitavelmente representados bóvídeos domésticos, e como não está reconhecida a existência da sua domesticação no Paleolítico superior, implicitamente a cena de caça situa-se num pós-paleolítico. Por outro lado, se a resolução do problema da cronologia do Levante Ibérico confirmar a tese paleolítica, teria obrigatòriamente de aceitar-se a existência da domesticação dos bóvídeos naquela época, o que em princípio nos parece inadmissível.